



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**A LUDICIDADE COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES
INICIAIS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL**

MARIA JOELMA DO NASCIMENTO

MARTINS-RN

2016

MARIA JOELMA DO NASCIMENTO

**A LUDICIDADE COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES
INICIAIS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade a distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da professora Ms. Maria das Dôres da Silva Timóteo da Câmara.

MARTINS-RN

2016

**A LUDICIDADE COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES
INICIAIS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL**

MARIA JOELMA DO NASCIMENTO

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade a distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Ms. Maria das Dôres da Silva Timóteo da Câmara (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ms. Massilde Martins da Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ms. Joseara Lima de Paula
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A LUDICIDADE COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS NA ESPECIAL

Maria Joelma do Nascimento – UFRN – mjpedagogia@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo discutir sobre a importância da ludicidade no âmbito educacional nas séries iniciais de alunos com necessidades especiais, procurando compreender como o lúdico pode contribuir de forma satisfatória, para o seu desenvolvimento cognitivo, social e cultural. Como campo de pesquisa foi escolhido o Centro Educacional Rita Baliza Alves, instituição municipal, localizada no município de Martins, com a participação de três professores e a gestora da instituição que trabalham com discentes com necessidades educacionais especiais, visando analisar como é realizado o trabalho com esses alunos, conhecendo suas reais necessidades, buscando compreender os benefícios que a ludicidade traz para o aprimoramento e fortalecimento do ensino-aprendizagem, possibilitando a multiplicidade de conhecimentos numa abordagem interdisciplinar. Para tanto, fundamentamo-nos nos seguintes autores: Santos (2001); Sant'ana (2005); Kishimoto (1992), que nos faz refletir sobre a importância do lúdico nos anos iniciais do ensino fundamental. A metodologia utilizada caracteriza-se pela pesquisa de abordagem quantitativa e qualitativa, realizada com pesquisa bibliográfica, associada à entrevista, tendo como foco o atendimento aos alunos com Necessidades Educacionais Especiais, evidenciando a contribuição da ludicidade para o desenvolvimento sociocognitivo da criança.

Palavras-chave: Lúdico. Necessidades especiais. Ensino-aprendizagem.

ABSTRAT

This work aims to discuss about the importance of playfulness in the educational field in the early grades with students with special needs, seeking to understand the playfulness contributes to the satisfaction of the cognitive, social and cultural development. As a research field was chosen Educational Center Rita Beacon Alves, municipal institution, located in Martins municipality, with the participation of teachers working with students with special educational needs in order to analyze how it is carried out the work with these students, knowing their real needs, seeking to understand the benefits that brings playfulness to the improvement and strengthening of teaching and learning, enabling the multiplicity of knowledge in an interdisciplinary approach. The main interlocutors identified the following authors: Santos (2001); Sant'ana (2005); Kishimoto (1992), which makes us reflect on the importance of the play in the early years of elementary school. The methodology is characterized by quantitative and qualitative research conducted with literature associated with the interview with teachers and school management, focusing on the care of special students and how the work is carried out with students with special needs, showing the contribution of playfulness to the socio-cognitive development.

Keywords: Playfulness. Special needs. Teaching and learning.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 Educação: Novos Desafios

Quando as Brincadeiras Brincam

Licença meu bom barqueiro
 A mim deixai passar
 Na ponte da aliança
 Não posso me demorar
 Pois sou pobre, pobre, pobre
 Preciso logo chegar
 Eu sei que nesta rua
 Vive um anjo a vagar
 Também sei que nesta rua
 Samba Lê lê vem dançar
 Licença meu bom barqueiro
 Licença que eu vou brincar

Dorinha Timóteo

(CÂMARA, 2016)

O contexto atual em que se encontra a educação propõe uma reflexão no que diz respeito às práticas educativas, que buscam novos rumos capazes de atender às necessidades educacionais inerentes à atualidade.

Inúmeros questionamentos são feitos em relação às transformações econômicas, sociais e políticas pelas quais passam o mundo atual. A forma de vida do povo, o sistema financeiro, a organização do trabalho e os hábitos de consumo da população deu origem a uma das palavras mais conhecidas nas últimas décadas: “globalização”.

Para que acompanhem as constantes mudanças que afetam diretamente à educação, diversos fatores devem ser levados em consideração, exigindo dos educadores uma nova postura mediante as novas perspectivas. O avanço das novas tecnologias acelera o acesso ao conhecimento, onde a ciência e o saber assumem um papel relevante, cujo acesso se torna cada vez mais fácil através da televisão, computador, dentre outros instrumentos tecnológicos.

O papel da educação vai além da ideia de que o indivíduo vai para a escola apenas para aprender conteúdos escolares. A educação tem o dever de cumprir a preparação do ser humano para a vida social, considerando a realidade do educando, com o intuito de formar indivíduos, capazes de refletir sobre o mundo que o cerca e intervir, conscientemente, sobre a realidade que vivencia. Segundo Durkheim(ES

p.48)“a educação é uma instituição social” em que as práticas educativas não devem ser entendidas isoladamente de outras práticas sociais, mas, ambas estão em busca de um mesmo propósito que é a formação do indivíduo.

O presente trabalho tem a finalidade de propor uma análise sistemática da utilização de práticas lúdicas em sala de aula, nos anos iniciais do Ensino Fundamental do Centro Educacional Rita Baliza Alves. As práticas lúdicas oportunizam um legado de aprendizado e significado na vida das crianças. Ao longo dos anos, o lúdico na educação tem sido alvo de grandes estudos, discussões e atribuições, necessitando de um estudo aprofundado de caráter científico para que os avanços sejam significativos.

A partir de então surgem projetos que valorizam e incorporam os brinquedos nas práticas educacionais, propondo uma autoanálise das práticas lúdicas pedagógicas que permeiam o ambiente escolar, fazendo-se necessário um trabalho que propicie um ambiente acolhedor, moldado na igualdade de direitos.

Neste sentido, independente das dificuldades que o aluno apresente durante o processo ensino-aprendizagem, todos têm os mesmos direitos. Daí a necessidade de ações efetivas para que possa haver uma mudança tanto estrutural quanto cultural, gerando um ambiente prazeroso e acolhedor na instituição educativa. Como bem relata Marcellino (1991, p.37).

Há necessidade de ‘valorar’ a cultura lúdica da criança, pois brincar é uma necessidade, uma arte, um direito que juntamente com os requerimentos básicos da alimentação, saúde, moradia e educação são vitais para o desenvolvimento potencial de todas as crianças. A ludicidade proporciona condições de humanização e solidariedade à criança e aos adultos contribuindo para sua evolução enquanto pessoa humana. [Grifo no Original]

É atribuição do educador, buscar compreender e verificar como a prática lúdica age no processo de desenvolvimento bio-psico-afetivo e sócio-cultural das crianças, contribuindo e manifestando o poder de criação e articulação das ações lúdicas desenvolvidas no ambiente escolar, pois o lúdico precisa ser refletido em suas múltiplas funções, para não ser considerado um mero passatempo.

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar como às práticas lúdicas são desenvolvidas nas salas de aula nos anos iniciais do Ensino Fundamental do Centro Educacional Rita Baliza Alves, e como objetivos específicos, relacionar as práticas

lúdicas desenvolvidas em sala de aula; mostrar a importância do lúdico como ferramenta de aprendizagem e averiguar a contribuição do lúdico para um melhor aprendizado das crianças que apresentam necessidades educacionais especiais.

Cabe aqui, portanto, apresentar algumas reflexões para subsidiar a importância do lúdico no processo ensino aprendizagem da criança com foco nas com Necessidades Educacionais Especiais.

2. ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Reconhecendo a importância do lúdico e com o objetivo de identificar a presença do lúdico em sala de aula, foi desenvolvido um questionário com três professores que trabalham com alunos de Necessidades Educacionais Especiais, bem como com a gestora da instituição, para que possamos verificar como é realizado o trabalho no Centro Educacional Rita Baliza Alves, instituição escolar localizada no município de Martins/RN.

A pesquisa surgiu a partir da necessidade de compreender como é realizado o trabalho com alunos especiais nessa instituição na qual foi realizado o Estágio Supervisionado III e foram observadas as dificuldades de realizar um trabalho com os mesmos.

A temática da pesquisa encontrou embasamento os seguintes referenciais Teóricos: Santos (2001), Glat e Blanco (2007), Sant'ana (2005), Fonterrada, (2005), entre outros.

O ser humano está sempre em busca do entendimento e conhecimento do mundo, isso pode ser realizado, por exemplo, através da observação dos fatos, da leitura de diferentes fontes, da curiosidade de entender algo, da realização de pesquisas.

Assim, uma pesquisa surge a partir do momento que o pesquisador / ser humano, resolve investigar problemas anteriormente definidos, buscando entender e dar qualidade à prática social. Conseqüentemente, ao realizar uma pesquisa, o ser humano produz conhecimento.

Portanto, pesquisa, enquanto conhecimento científico é “[...] a construção e a busca de um saber que acontece no momento em que se reconhece a ineficácia dos conhecimentos existentes, incapazes de responder de forma consistente e justificável às perguntas e dúvidas levantadas”. (KÖCHE, 2008, p. 30).

Face ao exposto, esta pesquisa tem abordagem qualitativa e quantitativa. A opção por um trabalho investigativo, a partir dessas abordagens, diz respeito à possibilidade de analisarmos dados obtidos numa perspectiva crítica, considerando que os próprios instrumentos utilizados, no percurso metodológico da pesquisa, como a observação e análise de documentos, nos instigam a realizar um trabalho interpretativo dos dados levantados.

Trujillom (1982, p. 229) afirma que: “... a coleta de dados é algo mais do que isso, pois exige contar com controles adequados e objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado”.

Concordando com o autor, compreendemos que a mesma propõe uma análise dos dados coletados exigindo que os mesmos devam ser bem fundamentados para que tenhamos uma resposta efetiva do que se deseja pesquisar.

3. A LUDICIDADE COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

3.1 Um Pouco da História

Ei
 Vem cá
 Eu preciso de Você
 Preciso de tua mão
 Não porque sou deficiente
 Afinal, quem é perfeito?
 Preciso de tua ajuda
 Não porque sou “eficiente”
 Pois, será que existe alguém eficiente?
 Preciso de teu apoio
 Não que eu seja especial
 Especiais todos são
 Cada um com sua particularidade.
 Preciso de teu carinho
 Não que eu seja diferente,
 Diferente é cada um
 Cada qual é cada qual
 Ninguém é igual.
 Preciso de sua atenção
 Porque sou gente
 Alguém que pensa
 Com minha maneira de pensar
 Alguém que faz
 Com meu jeito de fazer
 Alguém que ama.
 Ah! Como sei amar!

Alguém que chora, sorri e canta
 Com minha forma de sentir
 Sou alguém humano
 Filho de humanos
 Que precisa de vida de humano.
 Não preciso ser incluído
 Preciso ser tratado como sou
 Onde me couber
 Onde eu seja eu
 Preciso de você
 Para me respeitar como sou
 Para me ajudar a construir minha dignidade
 Para eu ser realmente eu, como você deseja ser você.
 Preciso de você
 Como você precisa de mim
 Pois fomos feitos para a comunhão
 Por isso somos chamados
 Irmãos.

Adair André da Silva, 2016

Discutir sobre a educação especial e inclusiva requer um passeio pela história refletindo sobre os diversos acontecimentos que nortearam sua criação, considerando os reflexos acumulados de um passado que estigmatizou as pessoas com algum tipo de deficiência, seja ela física ou mental, fazendo-se necessário, sua compreensão e os avanços atingidos.

A história tem início na Grécia Antiga guiada por pensamentos místico-religiosos, onde os destinos dos homens eram traçados por olhares de deuses e espíritos, com forças demoníacas e ainda acreditavam em seres humanos que ameaçavam a vida em sociedade, especificamente, os portadores de surdez, insanidade, cegueira. Os mesmos passavam por vistoria e atestados por incapacidades tanto para guerra quanto para agricultura, guiados pelo pensamento de que o desenvolvimento da sociedade dependia da força inata dos cidadãos.

Gregos e Romanos criavam leis que eliminavam a vida dos inocentes que apresentavam alguma anormalidade física. Alguns registros apontam que em Atenas os recém-nascidos eram sacrificados ou postos em vasilha de barro e deixados à beira do caminho. Em Esparta, os intitulados “loucos” eram jogados nos rios e abismos ou deixados na floresta.

Eram poupadas da segregação apenas o que de alguma forma apresentava “lucros”. Conta à história que as meninas cegas eram obrigadas a se prostituir e os meninos a mendigar. Os que apresentavam deficiência intelectual e física, juntamente

com hermafroditas anões e gigantes, eram tidos como objetos vendidos em feira livre para servir de “brinquedos“ para as pessoas de alto poder aquisitivo. (Winzer 2002).

Até o início do século 21 o sistema educacional do Brasil perpetuava dois tipos de escola a regular e a especial. O aluno frequentava uma ou outra, mas na década atual o sistema educacional se modificou adotou apenas um sistema que busca acolher a todos em suas mais variadas situações garantindo uma aprendizagem de qualidade favorecendo proporcionando um atendimento igualitário para todos. Para que as dificuldades sejam superadas e possam aquebrantar o rastro de preconceito e falta de conhecimento que gera dificuldades em lidar com o diferente que deve ser visto como agregação de valores que possibilita a valorizar o outro em suas especificidades.

Dessa forma concordo com Carvalho, (2005, p, 27) que diz:

Ao refletir sobre a abrangência do sentido e do significado do processo de Educação inclusiva, estamos considerando a diversidade de aprendizes e seu direito à equidade. Trata-se de equiparar oportunidades, garantindo-se a todos - inclusive às pessoas em situação de deficiência e aos de altas habilidades/superdotados, o direito de aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver.

Consideramos que se faz necessário uma reflexão de combate ao preconceito que tem em sua essência um trajeto de pura discriminação perpetuada na história, mas, que aos poucos, procura reescrever uma nova página garantindo uma educação para todos.

3.2 Conceito da Educação Inclusiva: Um Novo Olhar, Uma abordagem Humanística.

Deficiências

“Deficiente” é aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência que é dono do seu destino.

"Louco" é quem não procura ser feliz com o que possui.

"Cego" é aquele que não vê seu próximo morrer de frio, de fome, de miséria, e só tem olhos para seus míseros problemas e pequenas dores.

"Surdo" é aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo de um amigo, ou o apelo de um irmão. Pois está sempre apressado para o trabalho e quer garantir seus tostões no fim do mês.

"Mudo" é aquele que não consegue falar o que sente e se esconde por trás da máscara da hipocrisia.

"Paralítico" é quem não consegue andar na direção daqueles que precisam de sua ajuda.

"Diabético" é quem não consegue ser doce.

"Anão" é quem não sabe deixar o amor crescer.

E, finalmente, a pior das deficiências é ser miserável, pois:

"Miseráveis" são todos que não conseguem falar com Deus.

A amizade é um amor que nunca morre.

Mário Quintana

O conceito de “inclusão” surge em 1994, com a Declaração de Salamanca, quando foi definido que as crianças com Necessidades Educativas Especiais deveriam ser incluídas em escolas regulares. A proposta sugere um trabalho cooperativo que visa à participação e inserção de todos os alunos, garantindo as mesmas oportunidades dentro e fora da escola com habilidades acadêmicas que propicie oportunidades de socialização e aprendizagens através de abordagem humanística, democrática que compreende o sujeito e suas particularidades.

Como citado acima, para ser considerada uma educação inclusiva requer que todos estejam dentro de um mesmo contexto escolar, sem ser preciso separar os alunos, oferecendo a este público a possibilidade de um aprendizado significativo e proveitoso. Considerando as limitações de cada educando, de forma que cada um possa interagir com todos que formam a mesma sala de aula, proporcionando o aprender a conviver com os alunos considerados “normais”. Uma vez que as diferenças não devem ser encaradas como problemas, mas, oportunidades de encarar e vencer os desafios, rumo a um ensino de qualidade que atenda a todos sem distinção. Para que isso aconteça, faz-se necessária qualificação, não só humana, como também, a estrutura das escolas, que não foram pensadas nem projetadas para a inclusão.

3.3.Educação Especial

Tenho voz, mas pouco falo;
 Tenho boas idéias, mas não exponho;
 Tenho juventude, mas pouco extravaso.
 Fechada como um pinto à casca.

Em estado de deficiente,
 Talvez eu não me visse.
 Porém um deficiente,
 Se vivesse em meu estado,
 Acharia-me também deficiente,
 Por não ser deficiente,
 E ter deficiência de viver.
 Que grande deficiência,
 É justamente a minha!

E tantas outras deficiências...
 Pelo mundo ignoradas.
 O que contenta-me
 É estar escrevendo
 Minha própria deficiência.

Carine Paula Giaretta, 2016

A pessoa com deficiência, na qualidade de cidadã brasileira, tem o direito de viver com dignidade, exercendo plenamente sua cidadania. No âmbito da educação, seja na rede pública ou provada de ensino, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) garante a matrícula das pessoas com deficiência nos cursos regulares ou nos sistema de educação especial, quando o caso requer, de acordo com o diagnóstico médico.

A instituição de ensino tem o dever de disponibilizar recursos humanos e materiais para atender as necessidades individuais dos discentes portadores de necessidades especiais. Além disso, devem desenvolver métodos de ensino e mecanismos avaliativos compatíveis com as deficiências apresentadas pela sua clientela. Convém ressaltar a necessidade de adequação da estrutura física da escola às normas técnicas de acessibilidade.

A Educação Especial é uma modalidade de ensino que atende aos alunos com algum tipo de deficiência, assegurada no art. 59 da LDB, que diz: “sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação; (...)”.

O termo “deficiência”, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), refere-se a:

Perda ou anormalidade de estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, temporária ou permanente. Incluem-se nessas a ocorrência de uma anomalia, defeito ou perda de um membro, órgão, tecido ou qualquer outra estrutura do corpo, inclusive das funções mentais. Representa a exteriorização de um estado patológico, refletindo um distúrbio orgânico, uma perturbação no órgão (AMARILAN, *ET AL*, 200, p.18)

Esse tipo de deficiência pode ou não necessitar de um trabalho educacional especializado. Por outro lado, a proposta do Atendimento Educacional Especializado -AEE está ligada à interação da pessoa com o meio em que se está inserida. Ressaltamos, que se a instituição tem a capacidade de atender às necessidades do aluno, no momento em que esse atendimento é realizado adequadamente, as possibilidades de aprendizagem são direcionadas ao potencial possível.

Segundo argumentam Glat e Blanco (2007, p. 28), “As necessidades educacionais especiais são construídas socialmente, no ambiente de aprendizagem, não sendo, portanto, consequências inevitáveis da deficiência ou do quadro orgânico apresentado pelo indivíduo”.

Diante dessa realidade, faz-se necessário que a escola atenda às necessidades do aluno e, que de fato, a inclusão aconteça através de adaptações adequadas para que o aluno se sinta parte do processo educativo, procurando atender as peculiaridades de cada um, através de material apropriado e atividades diversificadas, buscando trabalhar as mais variadas atribuições dos saberes no desenvolvimento da criança, valorizando as expressões corporais, o despertar do raciocínio lógico, as brincadeiras e a interação entre os alunos.

Nesse sentido, a música se constitui uma excelente aliada à inclusão, pois, como afirma Fonterrada, (2005 p. 120):

O corpo expressa a música, mas, também se transforma em ouvido, transmutando-se na própria música. No momento em que isso ocorre, música e movimento deixam de serem entidades diversas e separadas, passando a construir, em sua integração com o homem, uma unidade.

Dessa forma, considerando que a ludicidade é fundamental no processo ensino-aprendizagem da criança, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, deve-se proporcionar, aos educandos, da melhor forma possível, momentos de aprendizagem com prazer e bem estar, proporcionando sentido e

significado nas atividades escolares.

Como diz Pimenta e Lima (2004, p.104):

Aprendemos na escola que o ver e o escutar de forma crítica e reflexiva o que estava em nossa volta propicia um novo olhar. Um olhar que escuta, ouve e aprende a ver o outro, a realidade cria e busca a sintonia do outro, do grupo e de outras pessoas.

Concordando com esse pensamento, acrescentamos que o ambiente escolar deve propiciar uma autorreflexão das atividades desenvolvidas com um olhar direcionando à realidade vivida procurando proporcionar o melhor para a vida de cada um.

Cabe, ao professor, proporcionar momentos para que o aluno possa olhar de maneira crítica e reflexiva, para que o aluno busque, inove, vivencie novos conhecimentos, novas possibilidades através do lúdico.

Santos (2001, p.15), afirma que “é preciso que os profissionais de educação reconheçam o real significado para aplicá-lo adequadamente, estabelecendo a relação entre o brincar e o aprender.”.

Concordamos com o autor, uma vez que as vivências lúdicas devem estar pautadas na seriedade que esta requer.

3.4 Educação Inclusiva No Brasil: Panorama Atual

Tengo, telengo, tengo.
É de carrapicho.
Bota essa menina
Na lata do lixo.

Cantiga de brincadeira de roda do Cancioneiro Popular.

A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, nº 9.394/96, capítulo III, art. 4º. -inciso III, diz que é dever do Estado garantir o atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, de preferência na rede regular de ensino, e que será, sempre, garantido o apoio aos alunos que apresentarem necessidades especiais, de acordo com a especialidade que cada um apresente, reforçando a necessidade das instituições se adaptarem às diversas situações.

A educação inclusiva no Brasil caminha a passos lentos, muito se fala em inclusão, mas é comum nos depararmos com a falta de preparação dos professores, instalações físicas precárias, falta de investimentos suficientes que garantam esse atendimento como está prescrito na lei.

Nesse contexto, é comum perceber que há na escola uma cultura centralizada na dificuldade, apresentada pelo discente, quando o foco deveria ser as reais possibilidades de desenvolvimento das competências do aluno com necessidades especiais. Convém conferir o que defende Silva e Retondo (2008) citando Bueno (1999):

De um lado, os professores do ensino regular não possuem preparo mínimo para trabalhar com crianças que apresentam deficiências evidentes e, por outro, grande parte dos professores do ensino especial tem muito pouco a contribuir com o trabalho pedagógico desenvolvido no ensino regular, na medida em que têm calcado e construído sua competência nas dificuldades específicas do alunado que atendem. (SILVA e RETONDO, 2008, p. 28).

Certamente há um longo caminho a ser percorrido para que a instituição escolar seja espaço de prazer, principalmente, no que se refere a por em prática o Projeto Político Pedagógico de cada instituição, pois enquanto não unirmos forças em busca de um mesmo objetivo a educação não avançará como deveria. É preciso reinventar, acreditar, fazer, propor, ser o novo que transforma que atualiza.

O papel da instituição é de acolher, integrar o aluno em sala de aula e de proporcionar um ensino de qualidade, mesmo que para isso, seja necessário ultrapassar barreiras que vão desde a falta de estrutura física até a capacitação profissional, pois todos têm direito a um ensino que proporcione desenvolver suas habilidades em todas as instâncias possíveis.

Trabalhar em sala de aula com inúmeras especialidades é um desafio constante que precisa ser encarado diariamente. Dessa forma, a escola é uma das instituições que mais se adequam a essa realidade, pois ela deve ser aberta a um público heterogêneo, e com isso viabilizar condições de integração e interação dos indivíduos, não havendo um local específico para a educação especial; uma vez que a educação é definida pela Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional – LDB 9394/96 como:

[...] uma modalidade de educação escolar que permeia todas as etapas e níveis de ensino. Essa definição permite desvincular “educação especial” de “escola especial”. Permite também, tomar a educação especial como um recurso que beneficia a todos os educando e que

atravessa o trabalho do professor com toda a diversidade que constitui o seu grupo de alunos. (Grifos no original).

Num mundo em constantes mudanças e em meio aos constantes avanços tecnológicos, o trabalho pedagógico precisa ser melhor direcionado para que possa alcançar os objetivos propostos, desenvolvendo, nos alunos, o interesse e a aprendizagem. Nessa pesquisa faremos o seguinte questionamento: como propor atividades lúdicas que propiciem uma experiência significativa para os alunos, aliado ao trabalho realizado pela professora? Quais objetivos se deseja alcançar? Quais estratégias são utilizadas? Lançando um olhar específico à sala de aula onde vivenciamos a regência durante três semanas, relataremos o trabalho desenvolvido através das práticas lúdicas vivenciadas durante o estágio com proposta de fazer uma análise comparativa e refletiva da teoria e prática dos trabalhos desenvolvidos durante o período regencial, à luz das Diretrizes Curriculares quando diz:

A Educação Básica é direito universal e alicerce indispensável para a capacidade de exercer em plenitude o direito à cidadania. É o tempo, o espaço e o contexto em que o sujeito aprende a constituir e reconstituir a sua identidade, em meio a transformações corporais, afetivas, emocionais, socioemocionais, cognitivas e socioculturais, respeitando e valorizando as diferenças. Liberdade e pluralidade tornam-se, portanto, exigências do projeto educacional. (DCNs p. 19).

Compreendemos que não podemos ficar alheios à temática lúdica, comprovadamente importante, pois abre e ampliam inúmeras possibilidades de aprendizado, indispensáveis no desenvolvimento do equilíbrio, afetivo-sócio-intelectual do aluno. Diante disto, necessário se faz, ao professor, a atualização sobre a temática no seu propósito formativo e educativo.

3.5 O Lúdico Como Prática Educativa

Um homem bateu na minha porta
E eu abri.
Senhoras e senhores ponha a mão no chão.
Senhoras e senhoras saiam já daqui.
Senhoras e senhoras dê uma rodadinha e vá pro olho da rua.

**Cantiga que acompanha a brincadeira de pular corda.
do cancioneiro popular.**

Segundo relatos, podemos destacar que a maioria das escolas públicas não

reconhece a importância do brincar para aquisição da aprendizagem em muitos casos a concebem e utilizam, tão somente, como recreação. Na verdade, o lúdico apresenta três grandes eixos: o sócio-afetivo, cognitivo e psicomotor, e que o ambiente escolar possa ser espaço de inúmeras possibilidades onde as mesmas possam inventar, reinventar expressar, socializar, entre outros. Ressaltamos, nesse contexto, a importância da brinquedoteca no ambiente escolar. Segundo Cunha (1992, p. 36), “a brinquedoteca é um espaço preparado para estimular à criança a brincar, possibilitando o acesso a uma grande variedade de brinquedos, dentro de um ambiente, especialmente, lúdico”.

Partindo desse pensamento esses espaços agem como fortes aliados do professor frente à realização das atividades pedagógicas, pois o papel do professor é oportunizar situações e espaços favoráveis, sejam eles fora ou dentro da sala de aula, em qualquer situação onde a criança potencialize suas produções como no faz-de-conta e na solução de problemas. A autora considera a brinquedoteca como espaço explorativo e experimental recriando o mundo a sua volta.

Na opinião de Kishimoto (1992.),

A brinquedoteca é um espaço privilegiado onde os alunos de diversos cursos podem não só observar a criança, mas também desenvolver atividades de aperfeiçoamento profissional. Docentes vinculados às unidades universitárias conduzem pesquisas a partir de situações de brincadeiras que ocorrem no interior das brinquedotecas. (p.55).

Concordo com a autora, pois durante as diversas atividades lúdicas desenvolvidas no campo de estágio pudemos perceber o envolvimento e a interação dos alunos em atividades diversas como: conto e reconto de história, a partir de criação dos próprios alunos e ainda propondo, aos mesmos, situações vivenciadas de forma concreta, dentre outros. Cada atividade foi desenvolvida com a intenção da produção do conhecimento de forma descontraída e a possibilidade de ter acesso a diversas aprendizagens.

Compreende-se que o brincar faz parte da vida do ser humano, nas mais variadas fases da vida. No entanto, durante as atividades do estágio supervisionado, percebemos que as posturas de algumas instituições ao desenvolverem as brincadeiras não estão em sintonia com o que propõe os estudiosos sobre o assunto, uma vez que são utilizadas em final da aula como passa tempo, sem que haja por parte do professor um direcionamento, um contexto apropriado para o momento. Bonamingo e Kude (1991, p.

46) reforçam esta percepção ao afirmarem que: “alguns educadores não estão muito seguros, do modo como a criança aprende brincando e como o professor pode ensinar através das interações espontâneas, embora compreendam e apreciem as potencialidades do brinquedo.”.

Partindo da concepção de que o brincar deve ser considerado como atividade de amplo potencial no desenvolvimento do processo educativo, convém lembrar que a não valorização do brincar é o reflexo histórico da cultura em que o brincar era considerado lazer e nada mais além que isso. Em virtude do que pudemos comparar, cientificamente, através dos grandes estudiosos, essa realidade propõe romper com o mito da brincadeira natural. Concordo com Brougère (1994, p. 37) que diz: " É preciso romper com o mito da brincadeira natural. A brincadeira é uma aprendizagem social, portanto, construção de cultura e se caracteriza por regras, livre escolha, pela criatividade, inovação e descoberta de novos comportamentos.

Compartilho desse pensamento que a brincadeira traz inúmeras possibilidades de aprendizagem, podendo ser comprovada durante as diversas brincadeiras vivenciadas de forma livre e prazerosa, sem se esquecer das regras que cada atividade propõe.

Diante dessa compreensão, consideramos como um dos principais desafios para a inclusão educacional da pessoa com deficiência, a formação profissional, uma vez que muitas escolas reconhecem que poucos estão preparados para lidar com as necessidades especiais diagnosticadas na clientela escolar. Como os profissionais das diversas áreas, faz-se necessária atualização e formação continuada, com destaque na ludicidade como ponto fundamental para uma escola que deseje desenvolver o potencial existente em cada aluno.

3.6. RESULTADO E ANÁLISE

3.6.1 Concepção dos Profissionais Sobre o Trabalho de Educação Especial no Centro Educacional Rita Baliza Alves

Para melhor compreender o trabalho na área da educação especial foi realizada uma pesquisa com professores do Centro Educacional Rita Baliza Alves, instituição que tem atendimento especializado, em que trabalham seis professores com alunos com necessidades especiais. Vale salientar que a pesquisa foi realizada com três professores e a gestora da referida instituição.

De início, a gestora informou que a escola atende ao todo dez (10) alunos especiais com as seguintes deficiências: Imperatividade, Autismo, Deficiência Física, entre outros.

Ao indagarmos a gestora sobre o trabalho realizado na instituição, a mesma informou ser um bom Trabalho; Ao solicitarmos que a mesma citasse cinco sugestões para melhoria desse atendimento a mesma respondeu que *é necessário capacitação para professor; uma sala específica para atendimento; equipamentos adequados e um professor somente para essa área*. Nesse contexto, Libâneo (2001, p.102) diz que: "O conceito de participação é o principal meio de assegurar a gestão democrática da escola, possibilitando o envolvimento de profissionais e usuários no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar".

Dessa forma, acreditamos que o trabalho da gestão deve ser de tomadas de decisões em conjunto em todas as áreas da instituição. Mas, algo nos chamou a atenção nas respostas, pois, embora a gestora afirme que o atendimento é bom, a mesma aponta várias sugestões que denunciam que a escola não tem nenhum preparo para receber alunos com necessidades Educacionais Especiais.

Pela análise e conhecimento do local, o trabalho está só no começo, assim é preciso que haja um melhor acompanhamento dessas crianças, pois é uma questão de direito garantido que precisa ser buscado e discutido entre todos da instituição e levado ao conhecimento das instâncias maiores para que possa ser melhorado. Vale salientar, que até o momento da entrevista estava faltando o professor na sala de AEE, mas, segundo a diretora, estava sendo aguardado pelo Secretário Municipal de Educação um profissional para exercer a tarefa na escola pesquisada.

Quando perguntado, aos professores, sobre a formação na área de Educação

Especial, todos os entrevistados informaram que não possuem formação específica para atender essa clientela e que precisam de uma maior capacitação para exercer o trabalho com alunos especiais.

Ao ser indagado sobre a estrutura adequada ao atendimento dos portadores de necessidades especiais, os entrevistados divergem sobre a estrutura adequada da instituição, a maior parte considera que a estrutura não é adequada para o tipo de atendimento. Diante disso, partilho da ideia de Lima (1995, p.187) quando relata:

Para qualquer ser vivo, o espaço é vital, não apenas para a sobrevivência, mas, sobretudo para o seu desenvolvimento. 'Para o ser humano, o espaço, além de ser um elemento potencialmente mensurável, é o lugar de reconhecimento de si e dos outros, porque é no espaço que ele se movimenta, realiza atividades, estabelece relações sociais'.

É dessa forma que devemos compreender o espaço educacional, como parte integrante de relações que se completam em função do bem de todos.

No que se refere à participação da família no processo de formação dos alunos, foi exposto que o apoio é regular e necessita de um acompanhamento maior por parte dos membros da família.

Sabemos que o aluno que é acompanhado mais de perto, pelos pela família, tem maiores possibilidades de desenvolvimento, e tal acompanhamento é garantido no artigo 1º da Lei Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL,1996): "A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisas, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais." Assim, compreendemos que para que o aluno tenha um bom desempenho escolar é preciso, que a escola, promova parceria direta entre família-escola, cada um com papéis distintos. Ambas em busca do mesmo objetivo: o desenvolvimento e aprendizado dos alunos.

Ao questionar, aos professores, sobre a participação dos funcionários e comunidade no processo de formação, eles falaram o seguinte: No que diz respeito aos funcionários a participação é boa, mas em relação à comunidade a colaboração nesse aspecto é insuficiente. Precisamos compreender o processo educativo como sendo prioridade, uma vez que a participação da comunidade é muito importante para o desenvolvimento dos educandos para uma formação cidadã. Nesse sentido concordo

com o documento elaborado pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (1990, p. 4) que diz:

A escola deve ser um local tanto de elaboração e construção do conhecimento e organização política das classes populares, quanto da solidariedade de classe; um espaço onde se incentive a participação do povo na criação do saber, que é instrumento de luta na transformação da história; um centro irradiador de cultura, para que a comunidade não só se aproprie dela mas também a recree.

Sendo assim é dever de todos colaborar com o processo de formação dos educandos, reivindicando melhorias para que seus direitos sejam garantidos e tenham uma educação de qualidade, cuidar da instituição escolar é dever de todos nós.

Ao ser perguntado sobre as sugestões para melhoria do atendimento, a maioria foi enfática em reconhecer que era necessário:

- Gestora – *Capacitação para o professor; uma sala específica para o atendimento; Equipamentos adequados; um professor somente para essa área.*
- Professor 1: *profissionais especializados na área; melhoria no atendimento aos alunos; mais interesse por parte dos pais; mais participação e colaboração dos que fazem a escola e a educação em geral.*
- Professor 2: *Acompanhamentos com profissionais específicos; Cursos de capacitação para o professor que vai trabalhar com aluno especial; Ter o diagnóstico do aluno em mãos comprovando sua deficiência; um auxiliar na sala para dar maior atenção ao aluno especial.*
- Professor: 3 – *Curso de aperfeiçoamento para todos que trabalham na instituição; Sala ampla para atender de forma digna os alunos em outro turno de ensino; Acompanhamento com os pais.*

Analisando os dados pesquisados pudemos compreender que, em relação ao atendimento ao aluno com Necessidade Educacionais Especiais /NEE, ainda, há um grande caminho a percorrer, pois esbarra em várias questões que necessitam de maior aprofundamento e envolvimento de todo segmento da sociedade, é necessário que haja um amplo trabalho formativo entre todos os envolvidos que fazem parte da vida do aluno.

Na fala da gestora e dos demais professores entrevistados eles relataram a necessidade do profissional capacitado e outro fator bem significativo é o diagnóstico da

criança.

Enfatizamos que para cada especialidade há um trabalho específico que precisa ser levado em conta na hora de receber o aluno na instituição, a preparação profissional, os profissionais de saúde precisam estar envolvidos nesse processo, pois na instituição pesquisada tem uma sala de AEE, mas no momento da visita a mesma se encontrava fechada devido à falta de professor, que como citado, anteriormente, estava aguardando que o Secretário Municipal se pronunciasse sobre o substituto, enquanto isso, o professor de ensino regular procura atender esse aluno mesmo diante das adversidades.

Portanto, fica evidente a necessidade de profissionais capacitados que estejam ao lado dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais contribuindo com o desenvolvimento e avanço dos mesmos. Assim, ao identificarmos tal demanda, propomos que as dificuldades elencadas nessa pesquisa sejam levadas ao conhecimento das instituições municipais para procurarem a melhor forma de estar resolvendo essa questão, se não de imediato, mas gradativamente, pois tudo que diz respeito à melhoria da educação é dever do Estado e direito de todos.

Diante de tal fato, Sant'ana (2005, p. 232) diz:

Aparentemente, a formação continuada pode favorecer a implementação da proposta inclusiva; todavia necessita estar aliada a melhorias nas condições de ensino, ao suporte de profissionais no auxílio ao trabalho do professor, bem como ao compromisso de cada profissional em trabalhar para a concretização dessas mudanças.

Dessa forma, evidencia-se que para que a Educação Especial tenha seus direitos garantidos, é necessária a junção de forças, buscando garantir os direitos adquiridos dos alunos, sejam eles com Necessidades Educacionais Especiais ou não. Para tanto, a formação profissional tornar-se imprescindível para o bom andamento da instituição, assim, como a garantia de estrutura física, dos recursos humanos e materiais e a presença permanente da família e da comunidade no processo formativo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pião entrou na roda, pião,
O pião entrou na roda, pião.
Roda pião, bambeia pião
Roda pião, bambeia pião

Cantiga de roda Do cancionero popular

Como conclusão deste trabalho, compreendemos que o direito à educação é uma garantia constitucional a todos os brasileiros, visando o desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a preparação para o trabalho. Às pessoas portadoras de deficiência, cabe ao Estado oferecer sistema educacional inclusivo, capaz de atender as condições necessárias para o desenvolvimento pleno e a efetiva participação na sociedade. Daí a necessidade de desenvolver políticas públicas capazes de contemplar os direitos adquiridos durante o processo histórico.

Diante das reflexões realizadas no percurso dessa pesquisa, percebemos a importância da ludicidade no processo educativo, como uma das formas de trabalhar com as pessoas com deficiência, contribuindo com a inserção e compreensão do mundo. Como futuros pedagogos, não podemos ficar alheios a esta temática, sem vivenciarmos essa experiência nem nos aprofundarmos na teoria e na prática, buscando fazer um paralelo entre o que é possível desenvolver na sala de aula e o que pesquisamos cientificamente, como forma de promover o aprendizado e vivenciarmos momentos de prazer, de interação, conhecimento, na vida de cada educando com necessidade especial.

Para Santos (2001) o professor precisa levar a sério as atividades lúdicas desenvolvidas em sala de aula sabendo usá-la adequadamente. Pois em experiência vivenciada durante todo o período de formação acadêmica, pudemos perceber que quando as brincadeiras são bem orientadas em sala de aula estas trazem um benefício de grande importância formativa. A base teórica do autor nos faz refletir que precisamos repensar as atividades de sala de aula para que haja maior participação e envolvimento por parte dos alunos levando em consideração as especificidades de cada um.

As brincadeiras, além de serem prazerosas e cheias de significados, são uma grande ferramenta que auxiliam no aprendizado das crianças, fazendo com que as mesmas aprendam com facilidade, aprimorando o raciocínio e um amplo espaço de

interação com as demais crianças, tornando-as mais autônomas e criativas.

Portanto, conhecer o processo lúdico no ambiente escolar nos proporciona uma experiência ímpar que nos faz refletir sobre a prática profissional que mais cedo ou mais tarde teremos que assumir ou em qualquer situação de nossas vidas. Diante disso, concluímos com a seguinte citação: “abram alas para a minha bandeira, porque está chegando a minha hora de ser professor”. (PIMENTA e LIMA, 2004, p.100). Após este trabalho, certamente, nosso fazer pedagógico se embasará na legislação que rege os direitos do discente com necessidades educacionais especiais. Neste sentido, além dos princípios legais, ao atuarmos profissionalmente utilizaremos o lúdico como ferramenta capaz de fazer a diferença na vida do educando.

Através do questionário respondido pelos profissionais da instituição escolar, destacamos dois pontos essenciais: o educador percebe que a formação inicial, apenas, não é suficiente para atender com qualidade as crianças portadoras de necessidades especiais. Daí a necessidade de atualização profissional constante, de acordo com as necessidades apresentadas pela clientela escolar. Além disso, foi elucidada a inexistência de estrutura adequada ao atendimento dos alunos com necessidades especiais.

Assim, ressaltamos a importância do trabalho realizado objetivando a enfrentar os desafios inerentes à temática. Através da bibliografia utilizada, aliada à dedicação, consideramos que os objetivos foram alcançados. No entanto, ao final desta pesquisa compreendemos que essa experiência foi apenas um passo dado para uma longa estrada a ser percorrida em relação à pesquisa em foco.

REFERENCIAS

BRASIL. Lei nº 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC., 1996.

_____. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Brasília, 1997.

CÂMARA. M. das D da S. T. da. **Dorinha Timóteo em Poesia**, 2016, Disponível em: <HTTP://dorinhapoesia.blogspot.com.br>> acesso em 22 de maio de 2016.

CARVALHO, Rosita Edler. Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”. (Porto Alegre: Editora Mediação, 2005).

FAVERO, E. A. G.; PANTOJA, L. de M. P. MANTOAN, M. T. E. **Aspectos legais e orientação pedagógica**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

FONTEERRADA, Marisa, Trench, Oliveira, (2005). De tramas e fios – Um ensaio sobre música e educação. São Paulo: Editora UNESP.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987.

GIARETTA, C. P. **Jornal Mundo Jovem: Poesias e Poemas**, 2016, Disponível em: www.mundojovem.com.br/oesias/deficiencias> acesso em 23 20e maio de 16.

GLAT, R.; BLANCO, L.de M. V. Educação especial no contexto de uma educação inclusiva. In: GLAT, R. (Org.). Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Ed. Sette Letras, 2007.

KISHIMOTO, T. M. Jogo, brinquedo, brincadeira e educação. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBANEO, J. C; OLIVEIRA, J. F. de; TOSCHI, M. S. **Educação Escolar**: políticas, estruturas e organização. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2008. – (Coleção Docência em Formação/coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta).

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Pedagogia da Animação. Campinas: Papirus, 1991

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência. São Paulo: Cortez, 2004.

RIOS, T. A.. **Ética e competência**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, S. M. P. dos. (Org.) **A ludicidade como ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SÃO PAULO (1989). Secretaria Municipal de Educação. *Construindo a Educação Pública Popular*. São Paulo, Diário Oficial do Município, 01/02/89 (Suplemento).

SILVA, J.A.G.do. **Aprendizagem por meio da ludicidade**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005, p. 22-72.

SILVA, A.A. **Jornal Mundo Jovem: Poesias e Poemas**, 2016, Disponível em:

www.mundojovem.com.br/poesias/deficiências> acesso em 23 de maio de 2016.

QUINTANA, M. **O Pensador**, 2016, Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/poemas>
> acesso em 23 de maio de 2016.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Fontes, 1987.

_____, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ANEXO

ANEXO – A Questionário aplicado aos profissionais que atuam na formação de alunos portadores de necessidades especiais atendidos no Centro Educacional Rita Baliza Alves.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Questionário aplicado aos profissionais que atuam na formação de alunos portadores de necessidades especiais atendidos no Centro Educacional Rita Baliza Alves.

- Assinale a abaixo a alternativa que melhor expresse sua resposta. A. Professor, você tem formação na Área de Educação Especial? () Sim () Não B.
- O Centro Educacional Rita Baliza Alves tem estrutura adequada para atender aos alunos portadores de necessidades especiais? () Sim () Não
- C. Como é a participação da família, no processo de formação dos alunos portadores de necessidades especiais, do Centro Educacional Rita Baliza Alves? () Boa () Regular () Insuficiente D.
- Como é a participação dos funcionários, no processo de formação dos alunos portadores de necessidades especiais do Centro Educacional Rita Baliza Alves? () Boa () Regular () Insuficiente
- Como é a participação da comunidade, no processo de formação dos alunos portadores de necessidades especiais do Centro Educacional Rita Baliza Alves? () Boa () Regular () Insuficiente
- Cite cinco sugestões para melhoria no atendimento aos alunos portadores de necessidades especiais do Centro Educacional Rita Baliza Alves?

1 _____
2 _____
3 _____
4 _____
5 _____

Obrigada

ANEXO – B Questionário aplicado a equipe Gestora do Centro Educacional Rita Baliza Alves.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Questionário aplicado à equipe gestora do Centro Educacional Rita Baliza Alves.

- A. Senhor diretor, como é o trabalho realizado com os alunos portadores de necessidades especiais do Centro Educacional Rita Baliza Alves? () Bom () Regular () Ruim
- Senhor coordenador, como é o trabalho realizado com os alunos portadores de necessidades especiais na instituição? () Bom () Regular () Ruim
- Senhor Inspetor, como é o trabalho realizado com os alunos portadores de necessidades especiais na instituição? () Bom () Regular () Ruim
- Cite cinco sugestões para melhoria no atendimento aos alunos portadores de necessidades especiais do Centro Educacional Rita Baliza Alves?

1 _____

2 _____

3 _____

4 _____

5 _____

Obrigada